

PREFÁCIO DE  
Marcelo Rebelo de Sousa

# SÁ CAR NEI RO

e a Ala Liberal

1.º volume  
1969–1973

IF  
SC INSTITUTO  
FRANCISCO  
SÁ CARNEIRO

ALÉTHEIA  
EDITORES

# TEXTOS

1.º VOLUME

[1969-1973]

**IF**  
**SC** INSTITUTO  
FRANCISCO  
SÁ CARNEIRO

**ALFONSO**  
EDITORES

## **PREFÁCIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

# **PELA LIBERDADE E PELA DEMOCRACIA**

**1** – Foi fascinante assistir, de muito próximo, ao nascimento do líder político e estadista, imediatamente antes do 25 de Abril de 1974. Entre 1969 e 1974.

**2** – Vê-lo integrar o grupo do Porto da Ala Liberal, em 1969.

Assistir, uma a uma, nas galerias de S. Bento, às suas intervenções sobre direitos, liberdades e garantias, cada vez mais duras contra o autoritarismo e pela Democracia.

Ouvi-lo falar das entrevistas que dera e nos livros que ia escrevendo – jurídico-políticos, primeiro, claramente políticos, depois. E da pugna pelo regresso do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

Tê-lo, como convidado, em colóquios, à cautela realizados no salão paroquial da Igreja Alemã.

Acompanhar o seu percurso inicial, em 1970, sempre doutrina social da Igreja, sempre admirador da Social-Democracia sueca – como defendeu em entrevista a Jaime Gama –, sempre preferindo a mais rápida mudança política à expectativa da mais lenta transformação económica e social.

Isso, aliás, o distingue, em caminho mais do que em meta, da linha dos jovens governantes então chamados tecnocratas, em que cedo avulta João Salgueiro, e que conseguiria, a custo, institucionalizar a SEDES – mais vasta do que esse grupo e essa tentativa reformista – entre a Primavera e o Outono de 1970.

**3** – Mas, nos primeiros meses de 1970, Francisco Sá Carneiro, é ainda relativamente discreto, na apelidada Ala Liberal, liderada na Assembleia Nacional por José Pedro Pinto Leite, e com vultos de peso, como, desde logo, João Pedro Miller Guerra e Francisco Pinto Balsemão.

Até que o europeísta incansável, dialogante em todos os azimutes, João Pedro Pinto Leite morre, num grupo de deputados, em acidente aéreo na Guiné.

**4** – Aí começa a rapidíssima afirmação de Francisco Sá Carneiro como líder político, no imediato e para o futuro.

No imediato. Desde logo, no elogio parlamentar de José Pedro Pinto Leite, momento que é impossível esquecer, perante um hemiciclo entre o esmagadoramente desafeto e o inevitavelmente respeitador.

Nessa intervenção, Francisco Sá Carneiro assume a liderança da Ala Liberal, que projetaria, com outros companheiros de rota, nos projetos estruturantes sobre liberdade religiosa, liberdade de imprensa, revisão constitucional.

Tudo em 1971.

Mas, a liderança estaria também presente no último combate político significativo – as presidenciais de 1972.

Se a manutenção da censura-exame e dos quadros essenciais da PIDE-DGS já significa o fim de mínimas ilusões liberalizadoras, e a revisão constitucional o coroar de um dedicado labor reformista, a recondução do Presidente da República, Américo Thomaz – na impossibilidade de sequer pôr de pé a desejada candidatura do Governador da Guiné, António de Spínola –, assinala o termo peremptório da esperança de 1969.

**5** – A partir do Verão de 1972, Francisco Sá Carneiro decide por termo à sua atividade parlamentar e preparar a renúncia, que se concretizará em Janeiro de 1973. Entretanto, arranca o EXPRESSO que reforça o papel de Francisco Sá Carneiro como líder nacional, com a sua coluna “Visto”, na página de opinião.

O efeito é fulminante e arrasador. Ao fim de escassas semanas, a censura começa a mutilar os seus textos.

Sendo o encarregado de discutir com o chamado Exame Prévio, prosa a prosa, os cortes, deparou, crescentemente, com as diretivas para silenciar Francisco Sá Carneiro, e com a sua recusa a aceitar qualquer mutilação.

Resultado: passamos a publicar os seus discursos mais violentos do tempo da Assembleia Nacional.

Que, mesmo tendo sido inseridos no “Diário das Sessões”, jornal oficial, são cortados.

Tudo a visar o silenciamento forçado de um líder em afirmação.

**6** – É neste contexto que Francisco Sá Carneiro acaba por se envolver mais na SEDES.

Aceita mesmo, após muitas insistências, em que António Guterres e eu nos envolvemos intensamente, integrar o Conselho Coordenador, que reúne nomes dos mais relevantes no panorama político nacional, a começar por João Salgueiro.

Inicia, depois, um périplo pelos núcleos fortes da Associação, como Lisboa, Porto, Leiria, Torres Vedras e Covilhã, para Colóquios já politicamente incisivos acerca da participação política e eleitoral em Portugal. Francisco Sá Carneiro, Rui Vilar, José Carlos Megre e Tomás Oliveira Dias são os oradores da geração liderante na SEDES. Cabe-me ser o representante da geração mais jovem.

Pelo meio, Francisco Sá Carneiro tem um acidente de automóvel, que, além do mais, agrava problemas de saúde, e, na convalescença, passa pelo Encontro dito dos Liberais, que tem em Francisco Pinto Balsemão o grande promotor. Passa mas não quer falar.

Ainda assim, embora por apertada maioria, a moção a favor da legalização imediata dos partidos políticos triunfa.

**7** – É a sua ideia obsessiva entre o final de 1973 e o começo de 1974: o regime encontra-se, irremediavelmente, bloqueado; não há tempo a perder; a mudança tem de ser imediata e política, não amadurecida e económica e social; e exige a instante legalização dos partidos políticos, condição primeira no avanço para a Democracia.

Nos meses que antecedem Abril de 1974, em diálogo em que intervenho, com Rui Vilar, Francisco Sá Carneiro tem um objetivo premente: elaborar uma Lei dos Partidos Políticos.

Que está praticamente assente quando o 25 de Abril muda a História de Portugal.

**8** – É destes cinco anos intensos que nos fala este primeiro volume dos principais textos políticos de Francisco Sá Carneiro.

E retrata o líder da Ala Liberal e, a seguir, o líder nacional a fazer-se.

Antes do mais, preocupado com a luta contra a ditadura, primeiro por dentro, depois por fora, e com a luta a favor das liberdades e da Democracia.

Assim se forja, enquanto líder, ainda antes da abertura de 1974.

Contra o autoritarismo. Pela liberdade e a Democracia.

Certamente, uma luta contra o domínio do Estado.

Mas de um Estado antidemocrático, antiliberal, antiparlamentar e antipartidário.

9 – É esse o seu primeiro combate como líder.

É ele que o torna nacionalmente conhecido e admirado.

É ele que congrega em torno de si toda uma área política, que se constituirá em partido político e que virá a liderar.

É ele que o consagra, mesmo para além dessa sua área, como um dos Pais Cívicos da Democracia em Portugal.

*Marcelo Rebelo de Sousa*

Dezembro de 2020

## NOTA INTRODUTÓRIA

# FRANCISCO SÁ CARNEIRO ENTRE 1969 E 1973

Francisco Sá Carneiro era um homem de convicções, tanto na sua vida pessoal como na vida política. Para ele, os partidos, e enquanto fundador do PPD/PSD, só fazem sentido se servirem para melhorar a vida das pessoas. Nunca para satisfazer interesses privados nem eleitoralistas.

No preciso momento em que os partidos e a vida democrática em geral atravessam um período de grandes mudanças, interrogações e mesmo de alguma desilusão junto dos eleitores, é importante relembrar os valores e o perfil de um homem que marcou a história do país e do PSD: um homem de características únicas que influenciou a sua geração e continua a inspirar mulheres e homens do nosso tempo.

Este primeiro volume da coleção dos Textos de Francisco Sá Carneiro pretende visitar o período em que ele era deputado pela chamada Ala Liberal, entre 1969 e 1973. Fazia parte de um conjunto de deputados independentes que integraram as listas da União Nacional, aos quais Marcelo Caetano deu, na altura, liberdade para fazerem campanha, no estrito respeito pela lei.

Francisco Sá Carneiro começou aqui a luta contra a ditadura, pela democratização política da sociedade, de acordo com o modelo ocidental, a exigência de uma solução para a guerra colonial e a defesa de um projeto de revisão constitucional que consagrasse direitos, liberdades e garantias.

A defesa da igualdade de oportunidades e a coragem marcaram de forma indelével esta sua primeira passagem pela vida política ativa. Pugnou pela liberdade política, por uma imprensa livre e pluralista, pelo fim das prisões políticas e pela integração europeia. Desígnios e reformas que se revelaram fundamentais para a Revolução de Abril.

Firme nas convicções, uma das suas principais características, tão raras na atualidade, era o desprendimento pelo poder.

Desagradado com as sucessivas rejeições das suas propostas e da Ala Liberal, ainda se manteve em São Bento durante algum tempo, para tentar evitar o Governo absoluto, mas não gostava de desempenhar um papel decorativo. Renunciou ao mandato em 1973, depois do seu projeto de lei sobre amnistia de crimes políticos ter sido considerado gravemente inconveniente.

Foi nesta altura, ainda jovem, que comecei a admirar a sua personalidade e a rever-me na sua forma de fazer política.

Foi por causa de Francisco Sá Carneiro que me filei, mais tarde, no PPD/PSD. Ainda hoje me revejo em muitos dos princípios que defendeu; de facto, a política sem servir e sem coragem não tem interesse nenhum.

*Rui Rio*  
Presidente do PSD, Dezembro de 2020